

A ambientação e criação de cenários visuais para a tradução do silêncio na série

Normal People¹

Maria Eduarda Guimarães Vital²

Pedro Antun Lavigne de Lemos³

Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

RESUMO

Este ensaio busca analisar como as imagens, na adaptação de um livro para as telas, cumprem o papel das palavras na tradução dos sentimentos, utilizando o silêncio como ferramenta. A obra analisada será o romance “Pessoas Normais”, escrito pela autora irlandesa Sally Rooney e publicado em 2018, adaptado para série em 2020. Na narrativa, Marianne Sheridan e Connell têm sua jornada de amadurecimento registrada de maneira sensível, explorando assuntos como *bullying*, depressão e violência doméstica. Nesse sentido, analisaremos duas cenas da série, uma do primeiro episódio e outra do último, buscando entender as rupturas e continuidades entre a série e o livro.

PALAVRAS-CHAVE

Pessoas normais. Imagens. Sentimentos. Linguagem. Diálogo.

INTRODUÇÃO

No livro “Por que estudar a mídia” (2002), no capítulo sobre Poética, Silverstone debate sobre o impacto do criador de uma obra qualquer em um produto final. Visitando a obra de Benjamin, que diz que as narrativas trazem “as marcas do contador de história, assim como o vaso de barro traz as marcas de mão do oleiro” (1970, p.161 apud SILVERSTONE, 2002, p. 80), Silverstone discorda que as histórias, na contemporaneidade, estejam em declínio. Para ele, mas não para Benjamin, nossas narrativas midiáticas não são, necessariamente, mais pobres em experiência do que as dos contadores de histórias. Assim como para o contador de história de que fala Benjamin, existem obras na contemporaneidade que são a prova de que, ao colocar em perspectiva a vivência do autor para criar sua obra, gera-se uma nova ponte entre

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Estudos audiovisuais), evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Estudante de graduação do 2º período de Jornalismo da UFOP, email: maria.vital@aluno.ufop.edu.br

³ Professor substituto do curso de Jornalismo do ICSA – UFOP, email: pedro.lemos@ufop.edu.br

telespectador e o conteúdo apresentado. Em muitos casos, isso é representado por vivências comuns que invadem a narrativa. Os indivíduos costumam consumir aquilo que se identificam: esse é o caso do romance irlandesa “Pessoas Normais”, escrito pela autora Sally Rooney e publicado em 2018. Ao relatar sobre o amadurecimento de dois jovens nos dias atuais, a escritora utilizou de vivências pessoais para construir uma história arrebatadora que vendeu mais de um milhão de cópias no mundo todo. No ano de 2020, a história ganhou espaço no meio audiovisual com uma série de 12 episódios, produzida pela Hulu. A partir dela, surge-se uma nova perspectiva da narrativa ao usar as imagens como principal meio de comunicar ao público o sentimento dos protagonistas — sentimentos que, no livro, eram descritos em palavras.

De acordo com Silverstone, “os enredos são a própria alma da tragédia; eles têm unidade, um começo, um meio e um fim, necessariamente inter-relacionados” (SILVERSTONE, 2002, p. 85). É por meio dessa frase que, ao decorrer do ensaio, serão analisadas duas cenas: uma do começo da série, do episódio 1, e outra que encerra a temporada, no episódio 12. Por meio delas, pretendemos demonstrar a forma que os produtores utilizaram os elementos visuais para a criação de dramaticidade e, também, para conectar o público aos personagens.

O LIVRO E SUA RELAÇÃO COM A LINGUAGEM

No livro “Pessoas Normais”, a linguagem é o principal meio que evolui na relação entre Marianne Sheridan e Connell. De início, ambos possuem angústias e inseguranças para se abrirem um com o outro, porém, ao decorrer da narrativa, o silêncio que os incomodavam passou a ser preenchido pelas palavras. Juntos, começam a construir uma relação a base de comunicação, tendo diálogos importantes para o desenvolvimento de cada um ao abordarem temas presentes no cotidiano. De início, a falta de diálogo incomodava a protagonista, como é possível observar no trecho a seguir:

Se, em silêncio, ele resolve não dizer algo quando estão conversando, Marianne pergunta ‘o que foi?’ Parece conter tantas coisas: não só a atenção forense aos seus silêncios, que lhe permite questioná-los para começo de conversa, mas também o desejo de uma comunicação plena, uma impressão de que qualquer coisa não dita é uma interrupção indesejada dos dois (Rooney, 2018, p. 30)

A partir desse ponto, entende-se que o incômodo dela surge a partir da possibilidade de interpretações do silêncio. Ao longo de toda a obra, o leitor acompanha a relação de

Connell e Marianne, visualizando seus conflitos, tanto amorosamente quanto de amizade. Nesse processo, ambos possuíam questões internas que eram traduzidas em palavras de forma confusa e causavam, em muitos momentos, a dificuldade de interpretação da fala do outro; assim, eles entravam em conflito pela má interpretação da linguagem.

Sendo assim, a escrita de Sally Rooney em “Pessoas Normais” reveza entre os pontos de vista de cada personagem. De certo modo, a forma de escrever da autora consegue traduzir com clareza como a relação entre eles afeta na individualidade de cada um, principalmente em suas ações e no processo de amadurecimento. Pensando nesse ponto, Sally Rooney demonstra em sua história como as vivências ruins dos personagens podem causar a dificuldade de falar, impedindo os indivíduos de se expressarem plenamente. Analisando essa perspectiva, Rooney preza pela linguagem como recurso fundamental para expressar os sentimentos. Porém, ao assistir a série, o telespectador se depara com outra abordagem.

A SÉRIE E O PODER DA IMAGEM

Na série homônima, a atmosfera apresentada já é diferente: a partir do silêncio, cria-se a intimidade, sendo o recurso visual o mais explorado para a demonstração dos sentimentos de cada personagem. De acordo com a produtora da série, Catherine Maggee, em entrevista para BBC⁴:

A série obviamente também tem voz própria. É uma forma de intermediação diferente. Muito do interior dos livros e também da forte escrita de Sally, que consegue apresentar na obra diferentes perspectivas, de forma única e autêntica. Quando se trata de criar uma obra para a televisão, e estamos nesse meio visual, nós precisamos encontrar uma forma de criar um mundo exterior que reflete essa jornada interior. A história é a mesma - nós não mudamos isso - só o meio usado que é diferente. (Maggee, 2020, em entrevista para a BBC, tradução nossa)

A partir desses pontos, pode-se utilizar a fala da produtora como uma prévia de como ocorreu a adaptação. Ao convidarem a autora do livro para também roteirizar a trama, tornaram o produto fiel ao que sempre foi: utilizaram das ideias e cenas (antes descritas com palavras) para criar um clímax nas telas que, ao explorar o jogo de câmeras e recursos como sombra e luz, ambienta a série sem necessidade de muitas palavras para transmitir os sentimentos dos personagens.

⁴ Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/mediacentre/mediapacks/normalpeople/catherine/>. Acesso em: 28/03/2025.

Nesse sentido, é válido analisar como o recurso do tempo caminha em conjunto com a imagem para a criação de uma ambientação de forte impacto. No livro “Time and narrative” (1984), Ricoeur relata um pouco sobre a importância desse recurso, e diz: “o tempo se torna humano na medida em que é articulado por um modo narrativo, e a narrativa alcança todo seu significado quando se torna uma condição de existência temporal” (RICOEUR, 1984, p. 54). Seguindo esse pensamento, é possível visualizar os protagonistas de uma maneira mais clara: a partir da passagem do tempo, a narrativa passa a amadurecer juntamente com os personagens que, enquanto crescem, passam por vivências que comprovam essa ideia — representadas pelas imagens.

ENCRUZILHADAS



No primeiro episódio, o telespectador é introduzido à dinâmica entre Marianne e Connell, onde a garota demonstra um apreço pela figura do garoto, de uma forma diferente do que já estavam acostumados. Anteriormente, ambos fingiam não se conhecer e mal trocavam palavras nos corredores. Depois do primeiro beijo, uma força magnética parece puxá-los em direção ao outro, algo bem notório nas cenas. Em todas, é possível observar as olhadas discretas ou o olhar de admiração que pairava em seus rostos a todo o tempo. A partir do momento que isso passa a acontecer, o personagem fica dividido entre escutar seus sentimentos ou ser racional.

No minuto 25:07, temos a representação desse questionamento do personagem. Enquanto dirige, depara-se diante de uma encruzilhada: seguir seu caminho para casa, de maneira que não haveria grandes alterações em sua vida, ou se encaminhar para a casa de Marianne, dando uma chance a aquele novo sentimento. O personagem, interpretado pelo ator Paul Mescal, segue o caminho esperado mas, poucos segundos depois, dá ré e se encaminha para a residência dos Sheridan, marcando o início da jornada turbulenta entre os dois. No livro, Sally Rooney escreve: “são engraçadas as decisões que a gente toma porque gosta de alguém, ele diz, e aí sua vida inteira muda” (Rooney, 2019, p. 231). Retomando a fala da produtora Catherine Maggee (2020), a cena é a tradução das palavras para o meio imagético; por meio da criação de somente dois caminhos, cria-se uma atmosfera crucial de tomada de decisões que, mesmo sendo pequenas, alteram o todo.

PALAVRAS



No episódio 12, que encerra a série, acompanhamos Connell e Marianne apaixonados e, finalmente, em um relacionamento. Após tantos anos de idas e vindas, outras paixões e instabilidades, os dois parecem ter se reencontrado no momento certo. No livro, Sally Rooney escreve o último parágrafo na visão da menina que, agora, já é mulher:

O que têm agora nunca mais poderão ter [...] Fizeram muito bem um ao outro. De verdade, ela pensa, de verdade. As pessoas podem mudar as outras

de verdade. Você devia ir, ela diz. Eu vou estar sempre aqui. Você sabe disso. (Rooney, 2019, p. 262)

Analisando a adaptação do fim do livro para as telas, a conversa entre os protagonistas é marcada por angústia. Após tantos anos distantes e, agora juntos, o destino mais uma vez deu seu jeito de separá-los. Connell, no início da cena, conta à namorada que ganhou uma bolsa para estudar em uma universidade em Nova York, a 4.982 km de distância. A notícia é recebida com silêncio e, para aqueles que não leram a obra anteriormente, pensa-se que o vazio sonoro permanecerá. Porém, ao contrário do resto da série, o telespectador é pego de surpresa ao escutar um diálogo entre os personagens. Mesmo com a presença de palavras nesse trecho, a intensidade e o drama são criados a partir do cenário escuro e, de alguma forma, intimista que é observado em tela. Juntos, sentados no chão, ambos dizem um pro outro como o tempo passa rápido e vão se reencontrar. Já nos frames individuais, como o da figura 2, observa-se a angústia pessoal de cada um ao perceber que a distância irá, finalmente, os separar por completo: não só fisicamente, mas também sentimentalmente. Se conheceram, cresceram, evoluíram e até mesmo erraram juntos mas, agora, é o fim desse ciclo que desejavam durar para sempre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, conclui-se que a série “Pessoas Normais” utiliza do silêncio como ferramenta para construir a narrativa e provocar sentimentos ao público, transformando um livro de 263 páginas repleto de diálogos em uma obra audiovisual. Ao adaptar os dramas individuais de cada protagonista, a obra aponta a importância de se pensar nas narrativas midiáticas na contemporaneidade e como elas podem produzir experiências e identificação no público. Mesmo tratando de assuntos sensíveis, o silêncio foi uma ferramenta de extrema importância nesses momentos e, mesmo que guiasse o telespectador para uma determinada narrativa, também o deixava livre para sentir junto com os personagens a situação: ao não colocar diálogos, quem assiste sente os dramas como seus e, de forma instintiva, se conecta a história por ser tão cotidiana, projetando suas próprias vivências. Nesse sentido, nota-se como é crucial a escolha certa de recursos visuais para a ambientação de uma adaptação de livros para as telas, nas quais o silêncio pode vir a ser a ferramenta mais importante de uma obra.

REFERÊNCIAS

Interview with Catherine Magee. BBC, [s.d.].

RICOEUR, P. Time and Narrative: v. 1. Tradução: D. Pellauer; Tradução: K. McLaughlin. Chicago, IL, USA: University of Chicago Press, 1990.

ROONEY, S. Normal people: A novel. USA: Diversified Publishing, 2019.

SILVERSTONE, R. Why study the media? Thousand Oaks, CA, USA: SAGE Publications, 1999.

Disponível em:
<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/10935/6/Mauro%20Paz%20-%20Disse%20rtac%20a7a%20cc%830%20c_%20capa%2017.07.2023.pdf>. Acesso em: 1 out. 2024.